

RECALQUE – UM PERCURSO PELA OBRA FREUDIANA

Fabiane Cristina de Souza Alvim¹

Resumo:

O termo recalque marca o início da psicanálise enquanto uma forma diferenciada de abordagem da vida psíquica que tem como regra fundamental a associação livre, que se difere da hipnose, da sugestão, de práticas da psicologia ou outras práticas terapêuticas. Freud afirmou que o recalque é a pedra angular sobre a qual repousa todo o edifício da psicanálise. Em função da importância do conceito, o presente trabalho teve como objetivo percorrer a obra freudiana identificando os artigos que discutem o assunto. Para isso fez-se um percurso desde os textos iniciais e retomou-se o artigo de 1915 visando compreender a construção do conceito e seu lugar na psicanálise, diferenciando do uso do termo em outros contextos bem como acompanhando as mudanças na construção teórica de Freud. Pode-se perceber que o termo inicialmente usado como sinônimo de defesa foi ganhando mais consistência na obra na medida em que se dá a construção da primeira tópica do aparelho psíquico e com a segunda tópica tem-se a possibilidade de concluir com uma visão mais completa do conceito.

Palavras-chave: recalque; pulsão; neurose; psicose

Abstract:

The term repression marks the beginning of psychoanalysis as a differentiated approach to psychic life that has as its fundamental rule the free association, which differs from hypnosis, suggestion, practices of psychology or other therapeutic practices. Freud asserted that repression is the cornerstone upon which the whole edifice of psychoanalysis rests. Due to the importance of the concept, the present work aimed to go through the Freudian work identifying the articles that discuss the subject. To this end, a journey was made from the initial texts and the 1915 article was resumed to understand the construction of the concept and its place in psychoanalysis, differentiating it from the use of the term in other contexts as well as following the changes in Freud's theoretical construction. It can be seen that the term initially used as a synonym for defense has gained more consistency in the work as the first topic of the psychic apparatus is constructed and with the second topic one can conclude with a more complete view of concept.

Key-words: repression; drive; neurosis; psychosis

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um percurso pela obra freudiana, tomando como eixo central o conceito de recalque. Para isso, aborda a utilização do termo ao longo da obra freudiana, destaca o artigo que tem como título Recalque e discute trabalhos posteriores, além disso localiza o uso da palavra antes de Freud e as confusões terminológicas. Utiliza-se para comentar a obra o autor Garcia-Roza e Hans. Pontua-se que o percurso não pretende esgotar o tema, mas trata-se de uma opção para apreender o uso do conceito.

Apesar do uso da palavra não ser novidade na época, Freud pontua não ter sido influenciado em sua construção conceitual, que surge de forma independente. O conceito aponta

¹ Graduação em psicologia pelo Unicentro Newton Paiva, Pós-graduação em Psicanálise Aplicada à Saúde Mental pelo UNILESTE, Pós-graduação em Gestão da Clínica na Atenção Primária à Saúde pelo SENAC, Mestranda em Gestão Integrada de Território pela UNIVALE. Servidora pública municipal atuando na Saúde Mental Infanto-juvenil. Professora na Faculdade Única de Ipatinga. souzafabianecristina@gmail.com

para um marco fundamental que é o início da psicanálise propriamente dita, pois o período anterior à sua instituição pode ser delimitado como pré-psicanalítico.

Freud inicia em 1914 a redação de uma série de textos com vistas à revisão de sua produção teórica, tentativa de empreender uma primeira grande síntese, esse material é nomeado como Metapsicologia (Roza, 2008, p. 9). Ele dispunha de tempo na ocasião em função de poucos pacientes pelo período da guerra e mostrava vontade de estabelecer a diferença entre a psicanálise e o que se fazia em nome dela, visto que nesta época houve a dissidência com seus seguidores. Naquele período ele se aproximava de seu sexagésimo aniversário e acreditava que morreria dentro de, no máximo, dois anos. Em função disso, empenhou-se, na elaboração da síntese da teoria psicanalítica, chamando de um legado para a posteridade, que seria ao mesmo tempo um esclarecimento da teoria e um aprofundamento de suas hipóteses fundamentais. Essa síntese foi feita sob a forma de um conjunto de artigos e a série foi redigida num período de sete semanas, segundo o editor inglês da Edição Standard, Strachey (1925). Antes desta publicação, Freud esteve as voltas com a consolidação da psicanálise como um campo distinto de outras teorias e na construção de conceitos oriundos de sua prática clínica.

O presente trabalho apresenta um percurso próprio em que se pode acompanhar o uso do termo ao longo da construção da psicanálise freudiana.

O TERMO RECALQUE

Existem diferentes termos para traduzir *Verdrängung*: repressão, recalque, recalçamento. Duas traduções para o português das obras freudianas, Imago e Delta usam o termo repressão.

Em português repressão e recalque tem conotações diferentes, como por exemplo, pode-se dizer que a polícia reprimiu uma manifestação estudantil e não a polícia recalcou uma manifestação estudantil. Uma pessoa pode reprimir uma outra no sentido de impedir um ato ou uma palavra dessa outra, mas nesse sentido uma pessoa não pode recalcar uma outra (Roza, 2008, p.165). Assim a repressão pode ser definida como uma ação que se exerce sobre alguém a partir da exterioridade e o recalque é um processo interno, ao próprio eu. Não se desconsidera que uma pessoa pode criar condições para que um recalque se faça, mas ele sempre será um processo interno a alguém. Optou-se em utilizar o termo recalque ao longo do presente texto, conforme Roza (2008). Deve-se atentar que são dois mecanismos distintos.

No dicionário comentado do alemão de Freud, de Luiz Alberto Hanns (1996), temos:

“*Verdrängung* é habitualmente traduzido por recalque ou repressão. O verbo *verdrängen* genericamente significa “empurrar para o lado”, “desalojar”; também pode ser empregado de modo mais específico para designar a ação de “deslocar massa de ar, água ou volume qualquer” (por exemplo, ao passar, o avião desloca grande volume de ar). Conotativamente, *verdrängen* remete a uma sensação de “sufoco”, “incômodo”, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Contudo apesar de ter sido afastado, tal material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforço para mantê-lo longe. Tais conotações coincidem, grosso modo, com aspectos do emprego do termo no contexto psicanalítico” (Hanns, 1996, p.53).

O material recalçado pressiona pela volta, fica como que num salão contíguo ao consciente tentando retorno, o material em estado recalçado se faz presente apesar da ausência, está desalojado, mas se manifesta a distância, exigindo esforço para mantê-lo fora de foco (Hanns 1996, p. 61).

O mecanismo que permite manter o estado de recalque consiste numa mobilização energética realizada a partir do pré-consciente, um contra-investimento, que se opõe à força exercida pelo material recalcado. Isto é, configura-se um jogo de forças no qual pressão e contrapressão se mantêm mutuamente em xeque (Hanns, 1996). Este aspecto será desenvolvido remetendo a posteriori ao texto freudiano.

De acordo com Garcia-Roza (1985) Johann Herbart, cujas obras datam da primeira década do século XIX, foi o primeiro a empregar o termo *verdrängung* de modo aproximado ao usado por Freud, mas diversos autores fizeram uso do termo. Dizia que uma ideia pode ser recalçada ou inibida por outra, o que faz com que ela permaneça aquém do umbral de consciência, e que nesta situação elas não são destruídas, nem tem sua força reduzida, mas lutam para se tornarem conscientes (Roza, 1985, p.151). Herbart exerceu influência sobre Meynert que foi professor de Freud. A proximidade teórica entre os dois se resume ao descrito acima. Freud constrói e desenvolve o conceito de recalque ao se deparar com o fenômeno clínico da resistência e superando a teoria do trauma. Mas o próprio Freud, segundo o editor Strachey (1925, p.147) apontou o uso que fez do termo como uma absoluta novidade (Roza, 2008) pelas especificações que detalhou, por exemplo o inconsciente herbatiano é aproximado ao inconsciente da psicologia e não ao conceito de inconsciente da psicanálise. É com Freud que o termo ganha outra especificação.

ARTIGOS DE FREUD QUE ABORDAM O RECALQUE

Objetiva-se neste item percorrer os artigos freudianos que abordam o termo recalque seguindo a ordem apresentada na Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Cada artigo será apresentado de forma resumida fazendo referência aos aspectos importantes para acompanhar o uso do termo.

De acordo com a nota do editor inglês, na *História do movimento psicanalítico* (1914, Volume XIV da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) Freud afirma que “... a teoria do recalque, sem dúvida alguma, ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte” (Freud, 1914, p. 147).

A importância do tema pode ser atestada na afirmação que está contida neste texto no qual Freud pontua “O recalque é o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da psicanálise” (Freud, 1914, *apud* Roza, 2008, p. 164).

Esse texto foi escrito segundo o editor, em janeiro e fevereiro de 1914, e um dos motivos foi esclarecer a discordância entre Freud, Jung e Adler que após o afastamento deles com a psicanálise persistiram descrevendo suas teorias sob o nome de psicanálise. Freud buscou então, escrever claramente seus postulados e hipóteses fundamentais, demonstrando que são incompatíveis com as ideias dos dois teóricos e que por isso pontos de vista contraditórios não deveriam receber a mesma designação. Ele divide seu texto, abordando na primeira parte o início da psicanálise até cerca de 1902, a segunda parte desta época até 1910 e na terceira aborda as dissidências com Jung e Adler.

Freud afirma: “(...) a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa a se interessar por ela...” (Freud, 1914, p. 18), pontuando a solidão e independência na construção de sua teoria e continua “... ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras formas de investigação da vida mental, o que deve precisamente ser denominado de psicanálise e o que seria melhor ser chamado de outro nome qualquer” (Freud, 1914, p. 18). Percebe-se a necessidade de uma diferenciação da teoria psicanalítica e outras vertentes psicodinâmicas.

Freud informa sobre o método de trabalho adotado por Breuer e a explicação dos sintomas histéricos: “Conduzíamos a atenção do paciente diretamente para a cena traumática na qual o sintoma surgira e nos esforçávamos por descobrir o conflito mental envolvido naquela

cena, e por liberar a emoção nela recalçada” (Freud, 1914, p. 20). Ele continua afirmando que naquele momento “... eu encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de repulsão que naquela época eu denominei de defesa e depois de recalque” (Freud, 1914, p. 21). Pontua que sua ideia passou a ser uma construção oposta a teoria de Breuer.

Freud afirma que entre os outros novos fatores que foram acrescentados ao método catártico, transformando o trabalho em psicanálise, estão a teoria da resistência e do recalque, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração dos sonhos como fonte do conhecimento do inconsciente (Freud, 1914, p. 25). Podemos considerar o período anterior a essa descrição de pré-psicanalítico (Roza, 1985), uma vez que a partir dessa formulação é que Freud pontua o início da psicanálise.

“A teoria do recalque sem dúvida alguma ocorreu-me independente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank me mostrou um trecho da obra de Shopenhauer, ‘Worl as Will and Idea’ na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com meu conceito de recalque que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida” (Freud, 1914, p. 25).

Freud afirma que a teoria foi extraída de suas inúmeras observações nos casos atendidos, dando notoriedade ao conceito, ele pontua a importância dessa construção para a psicanálise.

“A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem recorrer à hipnose. Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho de análise e, afim de frustrá-lo, alega falha de memória. O uso da hipnose ocultava essa resistência; por conseguinte, a história da psicanálise propriamente dita só começa com a nova técnica que dispensa a hipnose” (Freud, 1914, p. 26).

Garcia-Roza (1985) afirma que no início (como pré-história da psicanálise) o que permeava o trabalho de Freud era a teoria do trauma psíquico (acontecimento traumático real que produz uma neurose), que repercutiu nos seus escritos iniciais, e vai se constituir paradoxalmente no impedimento maior à elaboração da teoria psicanalítica.

Freud publica junto a Breuer *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos: Comunicação Preliminar* (1893), que foi transformado no primeiro capítulo do livro *Estudos Sobre a Histeria* (1895), que se encontra no volume II da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

O caso clínico que deu origem a *Comunicação preliminar* foi Anna O. paciente de Breuer que atendida com o método hipnótico mostrava que os sintomas apresentados desapareciam sempre que o acontecimento traumático que estava ligado a ele era reproduzido sob hipnose. Breuer chamava seu método de catártico, explicando que o que ocorria durante o tratamento era uma descarga de afeto que estava ligado à experiência traumática. Sob hipnose era sugerido que o paciente voltasse ao passado encontrando o fato traumático, produzindo a ab-reação, ou seja, a liberação da carga de afeto. Freud acrescentou a isso a sugestão (aprendida com Charcot) de modo que uma vez identificados os fatos traumáticos eles fossem eliminados

ou perdessem a sua força patogênica. Depois ele abandona o método sugestivo, experienciando com alguns pacientes ainda o método de Breuer.

Na *Comunicação Preliminar* é a primeira vez que o termo recalcado aparece no que viria a ser seu sentido psicanalítico. A palavra defesa não ocorre neste texto, ela surge pela primeira vez na seção II do artigo *As neuropsicoses de Defesa* (1894). Aparece na *Comunicação Preliminar* o termo recalcado como equivalente a defesa. Em algumas de suas primeiras aparições, o termo recalcado é acompanhado pelo advérbio intencionalmente ou por deliberadamente, e Freud declara que o ato de recalcar é introduzido por um esforço da vontade cuja motivação pode ser apontada. Assim o termo intencionalmente indica apenas a existência de um motivo e não traz nenhuma implicação de intenção consciente. (Roza, 1985)

Os termos defesa e recalçamento não são sinônimos, mas em 1894 aparecem quase que identificados. Defesa é um termo mais amplo do que o recalçamento, é um mecanismo no qual o ego se protege de uma representação desagradável e ameaçadora. (Roza, 1985)

Sem a hipnose, Freud solicita aos seus pacientes, que procurem se lembrar do fato traumático que poderia ter causado os sintomas dos quais eles sofrem. Ele verifica que tanto a sua insistência, quanto os esforços do paciente, esbarravam com uma resistência psíquica destes a que as ideias patogênicas se tornassem conscientes. Ele se questionou sobre qual seria a natureza dessas ideias e por que elas geravam essa resistência. Pelos casos já atendidos concluiu que as ideias só poderiam ser de natureza aflitiva, ideias capazes de despertar emoções de vergonha, de autocensura e de dor psíquica. (Roza, 1985)

A defesa seria então uma forma de censura por parte do ego do paciente contra a ideia ameaçadora, forçando-a a manter-se fora da consciência, a resistência era, portanto, o sinal externo dessa defesa. A resistência por parte do paciente se manifestava sob a forma de falha de memória ou de incapacidade de falar sobre o tema caso este lhe fosse sugerido.

Com as noções teóricas descritas acima sendo construídas, o método de trabalho anterior não tinha mais sentido, mas era necessário, tornar conscientes as ideias patogênicas possibilitando a elaboração.

Freud escreve o artigo *As Neuropsicoses de Defesa*, terminando em janeiro de 1894 (Volume III da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), após um ano do *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar* (1893), e um ano antes da conclusão da seção principal dos *Estudos Sobre a Histeria* (1895).

O termo defesa ocorre pela primeira vez em 1894, apesar de a teoria sobre o assunto tivesse sido mencionada na *Comunicação* (Roza, 1985).

Nesse artigo Freud aponta ainda no título que ele é uma tentativa de formulação de uma teoria da histeria adquirida, de muitas fobias e obsessões e de certas psicoses alucinatórias e tentará fazer uma conexão entre elas.

Começa pela neurose histérica apontando a suposição de uma divisão da consciência de acordo com Janet e com Breuer, e relata que

“...a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente, ou seja, é promovida por um esforço de vontade cujo motivo pode ser especificada. Com isso é claro, não pretendo dizer que o paciente tencione provocar uma divisão na sua consciência. A intenção dele é outra, mas em vez de alcançar seu objetivo, produz uma divisão na consciência” (Freud, 1894, p. 54).

Comenta que pacientes gozavam de boa saúde mental até o momento em que houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa. Momento em que se confrontou com uma experiência, uma representação ou sentimento que suscitaram um afeto

tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento.

Essas representações tendem a ser relacionadas a questões sexuais. Ele apresenta alguns exemplos como o caso de uma moça que se culpava porque, enquanto cuidava do pai doente, pensara num rapaz que lhe causara leve impressão erótica. Relata que os pacientes diante dessas ideias tentam esquecer, expulsar aquela ideia para longe. Complementa: “Sei apenas que este tipo de ‘esquecimento’ não funcionou nos pacientes que analisei, mas levou a várias reações patológicas que produziram ou a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória” (Freud, 1894, p. 55).

Freud passa a abordar o trajeto entre o esforço voluntário do paciente e o surgimento do sintoma neurótico. A tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível apenas expulsando para longe, não pode ser feita por ele, existe um traço de memória que permanece lá, e o afeto ligado a representação também e não podem ser erradicados, comenta em 1894.

“Mas uma realização aproximada da tarefa se dá quando o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma” (Freud, 1894, p. 56).

Conclui que até esse ponto os processos observados na histeria, nas fobias e obsessões é o mesmo, depois disso os caminhos são diferentes.

Na histeria a representação incompatível é tornada inócua pela transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática, que ele nomeia conversão. Que pode ser explicada por uma “... aptidão psicofísica para transpor enormes somas de excitação para a inervação somática” (Freud, 1894, p.57).

Sobre a neurose obsessiva ele pontua:

“Quando alguém (...) carece da aptidão para a conversão, mas, ainda assim, parece rechaçar uma representação incompatível, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação agora enfraquecida persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa ‘falsa ligação’, tais representações se transformam em representações obsessivas” (Freud, 1894, p. 59).

A obsessão representa um substituto ou sucedâneo da representação sexual incompatível, tendo tomado seu lugar na consciência, e a separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação adequada, mas não incompatível, são processos que ocorrem fora da consciência. “O afeto da obsessão em outras palavras, parece-lhe estar desalojado ou transposto...” (Freud, 1894, p. 60). Ele pode inclusive uma vez liberado se associar a fobias primárias comuns da espécie humana, como de animais tempestades, escuridão, etc.

“O eu leva muito menos vantagem escolhendo a transposição do afeto como método de defesa do que escolhendo a conversão histérica da excitação psíquica em inervação somática. O afeto de que o eu sofre

permanece como antes, inalterado e não diminuído, com a única diferença de que a representação incompatível é abafada e isolada da memória” (Freud, 1894, p. 61).

E afirma que, como na histeria, as representações recalçadas formam o núcleo de outro grupo psíquico, nos dois casos, a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada.

Na sequência ele discute a fuga para a psicose comparando com o descrito na neurose e finaliza o texto concluindo:

“Gostaria de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possuiu todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície do corpo” (Freud, 1894, p. 66).

Freud escreve outro artigo em que aborda o mesmo assunto, qual seja: *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa*, em 1896 (Volume III da Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*). Ele retoma a discussão no ponto em que deixou o primeiro. Algumas das conclusões expressas neste artigo fizeram parte de outro material contemporâneo *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* (1986). Nas *Observações Adicionais*, Freud divide o trabalho em três seções, na primeira abordando a histeria, na segunda seção a neurose obsessiva e na última a psicose.

No texto de 1894 ele dá ênfase no conceito de defesa e recalçamento, e no de 1896 ele enfatiza detalhadamente aquilo contra o qual a defesa é posta em ação. Neste material Freud ainda está às voltas com a teoria da sedução por um adulto como fonte das neuroses, uma experiência sexual de caráter traumático que acontece antes da puberdade, mas após esta é que ocorre a irrupção da neurose. (Roza, 1985)

Ele inicia seu artigo:

“Num breve artigo publicado em 1894, agrupei a histeria, as obsessões e certos casos de confusão alucinatória sob o nome de “neuropsicoses de defesa”, porque tais afecções revelaram um aspecto comum. Este consistia em que seus sintomas emergiam por meio do mecanismo psíquico de defesa (inconsciente) – isto é, emergiam como uma tentativa de recalcar uma representação incompatível que se opunha aflitivamente ao ego do paciente” (Freud, 1896, p. 163).

Ele utiliza neste momento defesa e recalçamento como conceitos muito próximos. Continua afirmando que as observações realizadas durante os dois últimos anos de trabalho fortaleceram-no a considerar a defesa como o ponto nuclear no mecanismo psíquico das neuroses em questão, e também o capacitaram a fornecer fundamentação clínica a essa teoria psicológica.

Na parte I ele desenvolve sua tese da etiologia específica da histeria, localizando-a como uma situação de vivência passiva sexual durante o período pré-sexual, diminuindo o efeito das questões hereditárias para explicar a histeria. E afirma que não são as experiências em si que

agem de modo traumático, mas a sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual. “O recalçamento da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em quem essa experiência consegue ativar um traço mnêmico de um trauma da infância” (Freud, 1896, p. 167).

Na segunda parte do trabalho ele discute as questões relativas à neurose obsessiva, apontando que também a causalidade estaria em uma experiência da infância, mas diferente da histeria, não teria o caráter de passividade, mas antes um caráter ativo. Acredita que pode expressar a fórmula na neurose obsessiva relatando que “As ideias obsessivas são, invariavelmente, auto-acusações transformadas que reemergiram do recalçamento e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (Freud, 1896, p. 169). Relata que o período da doença é caracterizado pelo retorno das lembranças recalçadas, marcando o fracasso da defesa. Afirma que “... o que se torna consciente como representações e afetos obsessivos, substituindo as lembranças patogênicas no que concerne à vida consciente, são estruturas da ordem de uma formação de compromisso entre as representações recalçadas e as recalçadoras” (Freud, 1896, p.170).

Freud afirma que sempre que uma obsessão neurótica emerge na esfera psíquica, ela provém do recalçamento e que os sintomas de compromisso seriam o retorno deste recalçado.

Na terceira parte, dedicada a analisar um caso de paranoia crônica, Freud a classifica como uma psicose de defesa. Defende que, do mesmo modo que a histeria e a neurose obsessiva, a psicose de defesa provém do recalçamento (aqui deve-se empregar defesa e não recalque) das lembranças aflitivas, sendo seus sintomas fortemente determinados pelo conteúdo do que foi recalçado. Mas que a paranoia deve ter um método ou mecanismo especial de recalçamento que lhe é peculiar, assim como a histeria efetua o recalque pelo método da conversão em inervação somática, e neurose obsessiva pelo método da substituição, pelo deslocamento.

A partir da *Interpretação dos Sonhos*, 1900 (Volume IV e V da Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) o termo recalçamento vai ganhando mais precisão conceitual e o termo defesa fica mais amplo, porém mais vago.

De acordo com Garcia-Roza, na *Interpretação dos Sonhos* temos um conceito de recalçamento mais preciso através da distinção entre inconsciente e consciente entendidos como sistemas psíquicos. (Roza, 2008, p.171). Freud divide o aparelho psíquico em sistemas, sendo, sistema inconsciente e sistema pré-consciente/consciente, antes dessa divisão o termo inconsciente era empregado apenas adjetivamente. Neste momento temos o inconsciente como estrutura e com um modo de funcionamento distinto do sistema pré-consciente/consciente. E o operador dessa distinção, e o que responde pelo modo de ser do conteúdo do inconsciente, é precisamente o recalque.

Será abordado nas linhas abaixo especificamente o capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, que servirá aos propósitos deste texto.

Na seção A, Freud trabalha com a teorização sobre os sonhos e o esquecimento deles como produto da resistência e pontua que, os sonhos não são mais esquecidos do que outros atos mentais, associa esse fato ao recalque e a resistência.

Na seção B, aborda os sonhos como atos psíquicos, em que a mola propulsora é a realização de desejos, e explica o mecanismo da condensação que está na formação dos sonhos.

Retrata o aparelho psíquico, apresentando-o como sistemas que é constituído como um aparelho reflexo. Relata que foi possível explicar a formação dos sonhos na medida em que arriscou a hipótese de que há uma instância crítica e uma instância criticada no aparato mental, uma das quais submeteria a atividade da outra a uma crítica que envolveria a exclusão da ideia da consciência (CS.). Ele afirma que a instância crítica é a que dirige nossa vida de vigília e determina nossas ações voluntárias e conscientes, denominando-a de pré-consciente (Pcs.). E situa o impulso formador dos sonhos no sistema inconsciente (Ics.). O sonho poderia ser descrito como substituto de uma cena infantil que encontra-se sob recalque, ou seja

inconsciente. Afirma que “Em qualquer exposição da teoria do recalçamento, caberia estabelecer que um pensamento se torna recalçado como efeito da influência combinada que sobre ele exercem dois fatores. Ele é empurrado de um lado (pela censura Cs.) e puxada do outro (pelo Ics.) [...]” (Freud, 1900, p.577). Conclui assim que o sonhar é um exemplo de regressão a uma condição primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância, das moções pulsionais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha nessa época.

Na seção C, Freud afirma que os desejos inconscientes são as molas propulsoras para os sonhos e que tais desejos mantidos sob recalque, são infantis, e também imortais (dando um caráter de indestrutibilidade ao conteúdo inconsciente), pontua sobre o desejo nos sonhos: “No caso de adultos, ele se origina do Ics.; no caso das crianças, onde ainda não há divisão ou censura entre o Pcs. e o Ics., ou onde essa divisão se está apenas instituindo gradualmente, trata-se de um desejo não realizado e não recalçado da vida de vigília” (Freud, 1900, p.583).

Na sequência discute sobre os sonhos considerados como aflitivos ou desprazerosos:

“A análise demonstra que também esses sonhos desprazerosos são realizações de desejo, tanto quanto os demais. Um desejo inconsciente e recalçado, cuja realização o ego do sonhador não poderia deixar de vivenciar como aflitivo, aproveitou a oportunidade que lhe foi oferecida pela catexia persistente dos restos diurnos penosos da véspera; emprestou-lhe apoio e assim facultou penetrarem num sonho” (Freud, 1900, p. 586).

Nos sonhos desprazerosos também se realiza um desejo inconsciente, mas um desejo de ser punido, em função de uma moção de desejo recalçada e proibida; eles marcam uma participação do ego na formação dos sonhos: “O mecanismo da formação dos sonhos seria muito esclarecido, em geral, se em vez da oposição entre ‘consciente’ e ‘inconsciente’, falássemos na oposição entre o ‘ego’ e o ‘recalçado’.” (Freud, 1900, p. 587). Nesta seção ele também discorre sobre a influência da vida diurna que estará presente no conteúdo do sonho.

Na seção D, ele trabalha o despertar dos sonhos, a sua função e os sonhos de angústia, relata que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos destacando que no inconsciente nada é passado ou esquecido, e seu efeito estará presente não apenas nos sonhos, exemplificando com as neuroses.

Na seção E Freud aborda especificamente os processos primário e secundário e o recalçamento. Relata que podemos supor a existência de um aparelho psíquico primitivo em que as atividades são reguladas pelo esforço de evitar um acúmulo de excitação e de se manter o quanto for possível sem excitação, tendo sido construído segundo o esquema de um aparelho reflexo. O acúmulo de excitação é vivido como desprazer e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a experiência de satisfação, que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentida como prazer. Nomeia de desejo essa corrente que no interior do aparelho parte do desprazer para o prazer, e que só ele pode colocar o aparelho em movimento. Acrescenta que o primeiro desejo se relaciona à lembrança da satisfação. E que se torna necessária uma segunda atividade, ou segundo sistema, que com o movimento voluntário possa alterar o mundo externo de maneira que seja possível chegar a uma percepção real do objeto de satisfação antes alucinado.

Para conseguir de fato, efetuar alterações no mundo externo, é necessário acumular um grande número de experiências nos sistemas mnêmicos. Resume, informando que a atividade do primeiro sistema está orientada para garantir a livre descarga às quantidades de excitação, enquanto no segundo sistema, por meio das catexias que nele emanam, consegue inibir essa descarga e transformar a catexia numa energia quiescente.

Na sequência passa a examinar a antítese de uma experiência de satisfação. Relata sobre uma vivência de pavor frente a algo externo, pontuando, que podemos partir da suposição, que incida no aparelho primitivo um estímulo perceptivo que seja fonte de uma excitação dolorosa, assim algumas manifestações motoras serão utilizadas até que uma delas faça com que o aparelho se retraia da percepção e da dor. Quando a percepção reaparece, o movimento será repetido até que a percepção torne a desaparecer. Haverá no aparelho primitivo diferente de alucinar o objeto que poderia satisfazê-lo, uma inclinação a abandonar imediatamente a imagem mnêmica aflitiva, caso algo venha a revivê-la, porque se sua excitação transbordasse até a percepção, provocaria desprazer, “Essa evitação de lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo do recalçamento psíquico” (Freud, 1900, p.626).

O primeiro sistema só pode desejar, não consegue produzir qualquer coisa desagradável no contexto de seus pensamentos. Assim o segundo sistema encontra uma forma de catexizar as lembranças desprazerosas que lhe permita evitar a liberação do desprazer. O segundo sistema catexiza as lembranças de tal maneira que há uma inibição da descarga a partir delas, incluindo, portanto, uma inibição da descarga em direção ao desenvolvimento do desprazer. A catexia do segundo sistema implica uma inibição simultânea da descarga de excitação. “Retenhamos isto firmemente, pois é a chave de toda a teoria do recalque: o segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desprazer que provenha dela” (Freud, 1900, p. 627). A inibição do desprazer não é completa, pois o seu início tem que ser permitido para que o segundo sistema saiba a natureza da lembrança em questão e sua inadequação ao fim visado pelo processo de pensamento.

Continua o texto afirmando que o processo psíquico que é exclusivamente admitido pelo primeiro sistema é chamado de processo primário e do segundo sistema de processo secundário. E que o segundo sistema funciona corrigindo o primeiro.

Relata que ao descrever o processo do primeiro sistema como primário faz referência a uma prioridade cronológica, pois eles acham-se presentes no aparelho psíquico desde o início, ao passo que só no decorrer da vida é que os secundários se desdobram e vem inibir e sobrepor-se aos primários, pontuando que sua completa supremacia só pode ser atingida no apogeu da vida.

“Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejo inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes as moções de desejo vindas do inconsciente” (Freud, 1900, p.629).

Tais moções de desejos, segundo Freud, exercem força sobre a vida da pessoa, entre as moções provenientes da infância, que não podem ser destruídas nem inibidas, há algumas cuja realização seria uma contradição do segundo sistema. A realização desses desejos não geraria um afeto de prazer, mas de desprazer, e é essa transformação do afeto que constitui a essência do recalçamento.

Ele questionará, pontuando que é necessário saber como, e devido a que forças impulsoras ocorre esta transformação, mas que neste momento basta saber que, tal transformação realmente ocorre no curso do desenvolvimento e exemplifica com o nojo, situação que antes inexistente, ausente a princípio, surge depois ainda na infância, e que está relacionada com a atividade do sistema secundário.

Relata que “As lembranças com base nas quais o desejo inconsciente provoca a liberação do afeto nunca foram acessíveis ao Pcs. e, por conseguinte, a liberação do afeto vinculado a essas lembranças também não pode ser inibida.” (Freud, 1900, p. 630). Elas são

inacessíveis ao pré-consciente para o quais transferiram sua força de desejo. O pré-consciente afasta esses pensamentos, eles ficam entregues a si próprios, ou seja, ficam recalçados, e “...é assim que a presença de um reservatório de lembranças infantis subtraídas desde o princípio ao Pcs. torna-se a condição *sine qua non* do recalçamento” (Freud, 1900, p. 630). O Pcs. reforça sua oposição aos pensamentos recalçados produzindo uma contracatexia, e os pensamentos veículos do desejo inconsciente irrompem em algum tipo de formação de compromisso obtido pela formação de um sintoma.

Freud afirma que os processos irracionais que ocorrem no aparelho psíquico são os processos primários, eles aparecerão sempre que as representações são abandonadas pela catexia pré-consciente, deixadas por sua própria conta, e podem ser carregadas com a energia não inibida do inconsciente, que luta por um escoadouro, exemplifica com os chamados erros intelectuais, desatenção (chistes), que são um modo de atividade do aparelho psíquico que foram libertados de uma inibição.

Ele comenta que a teoria até então constituída sobre as neuroses, afirma que somente as moções de desejos sexuais procedentes da infância e que sofreram recalçamento, ou seja, transformação do afeto durante o desenvolvimento infantil, são passíveis de serem revividas em períodos posteriores do desenvolvimento e estão aptas a suprir a força impulsora para a formação dos diversos tipos de sintomas neuróticos.

Dando continuidade sobre os dois sistemas psíquicos, afirma que ocorre a censura na passagem entre um e outro, a inibição e a superposição de uma atividade pela outra, e que a relação de ambas com a consciência faz parte da estrutura do aparelho psíquico, e os sonhos mostram um caminho que levam a sua compreensão. Os sonhos provam que o conteúdo recalçado continua a existir em todas as pessoas e está ativo. Durante a noite esse material encontra meios de irromper-se na consciência. Assim ele conclui que a interpretação dos sonhos é a via real para que se possam conhecer as atividades da vida psíquica.

Na seção F, Freud comenta que até então no texto foi abordado o aparelho psíquico de modo tópico e acrescenta o modo dinâmico dizendo “... uma catexia de energia é ligada a um determinado agrupamento psíquico ou retirada dele, de modo que a estrutura em questão cai sob a influência de uma dada instância ou é subtraída dela” (Freud, 1900, p. 635).

O inconsciente encontra expressão nos sonhos, nas fobias e em outros sintomas, ele discute o assunto comparando o inconsciente para a filosofia e para a psicanálise e afirma que o inconsciente pode ser inferido a partir do estudo dos sonhos. Ao abordar novamente as três instâncias do aparelho, afirma que o Pcs. situa-se como uma tela entre o sistema Ics. e a consciência. Que o Pcs. não apenas barra o acesso a consciência mas também controla o acesso ao poder da motilidade voluntária e tem a seu dispor, para distribuição, uma energia de catexia móvel, parte da qual pode ser chamada de atenção. Ele deixa a consciência como responsável pela percepção de qualidades psíquicas, semelhante ao sistema perceptivo e incapaz de reter traços de memória, ela é atingida pelo sistema perceptivo e pelo interior do aparelho na série prazer-desprazer. Finalizando o capítulo.

Outro trabalho, intitulado *Cinco Lições de Psicanálise* (1910[1909], Volume XI da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), foi construído a partir das cinco conferências pronunciadas por Freud em setembro de 1909, na Clark University em Massachusetts, Estados Unidos. Ao voltar para Viena escreveu, o que pronunciara de improviso nos cinco dias, conforme afirma o editor inglês.

Na segunda lição Freud (1910[1909]), descreve o procedimento de Breuer, aponta suas dificuldades com a hipnose, o uso da sugestão, comenta que era um processo extenuante, e inadequado enquanto uma técnica definitiva.

Relata que sabia que as recordações esquecidas não se haviam perdido, mas que alguma força as detinha, ele a chamou de resistência. Para o estabelecimento da pessoa, a resistência haveria de ser vencida. Formou assim, uma gênese sobre a doença, explicando que:

“As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome de recalque e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência” (Freud, 1909/1910, p.39).

Freud neste período, procurou responder que força era essa e quais as condições de recalque, a partir da visão de conflito. Relatou, que em todos os casos, tratava-se do aparecimento de um desejo violento, em contraste com os demais desejos do indivíduo e incompatível com as aspirações morais e estéticas da própria personalidade. Assim era produzido um rápido conflito e o desfecho desta luta era, sucumbir ao recalque a ideia que aparecia na consciência trazendo em si o desejo inconciliável, sendo a mesma expulsa da consciência e esquecida, juntamente com as suas lembranças.

“Era, portanto, a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo do recalque; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças recaladoras. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; o recalque evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica” (Freud, 1909/1910, p.39).

O artigo intitulado *Um estudo autobiográfico* (1925[1924], Volume XX da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, foi escrito a pedido, para uma série que contou com a participação de mais de vinte e sete autoridades médicas de renome, convidados pelos organizadores com o objetivo de apresentar um relato da história recente da ciência médica feitos por aqueles que haviam desempenhado um papel de destaque, o título da série poderia ser traduzido como *Medicina Contemporânea em Auto-Retratos*, como pontuado pelo editor inglês..

Freud inicialmente comenta que os assuntos abordados no artigo já foram trabalhados nos mesmos moldes em outros momentos como nas *Cinco lições* (1909), e no trabalho *A história do movimento psicanalítico* (1914), por exemplo.

Neste escrito, Freud relata que, com o abandono da hipnose, ele descobre a resistência e fica de posse da teoria do recalque: “A hipnose interceptara da visão uma ação recíproca de forças que surgiam agora à vista e cuja compreensão proporcionava um fundamento sólido à minha teoria” (Freud, 1925/1924, p.35), ressaltando a importância do conceito para a psicanálise.

Pontua que há um conflito mental, na medida em que um impulso surge na mente, mas se defronta com a oposição de outros impulsos poderosos. “Denominei esse processo de recalque; era uma novidade e nada semelhante a ele jamais fora reconhecido na vida mental. Era obviamente um mecanismo primário de defesa, comparável a uma tentativa de fuga” (Freud, 1925/1924, p.35). Se dedica a explicar o recalque e a resistência, pontuando:

“Primeiro ato de recalque envolvia outras consequências. Em primeiro lugar, o ego era obrigado a proteger-se contra a constante ameaça de uma renovada investida por parte do impulso recalcado, fazendo um dispêndio permanente de energia, uma anticatexia, e assim se empobrecia. Por outro lado, o impulso recalcado, que era agora inconsciente, era capaz de encontrar meios de descarga e de satisfação

substituída por caminhos indiretos e de assim levar toda a finalidade do recalque a nada. No caso da histeria de conversão, o caminho indireto levava a inervação somática; o impulso recalcado irrompia em um ponto ou outro e produzia sintomas. Os sintomas eram assim resultado de uma conciliação, pois embora fossem satisfações substitutivas eram distorcidos e desviados de sua finalidade devido à resistência do ego” (Freud, 1925/1924, p.36).

Nesse mesmo texto Freud retoma a diferença no conceito de inconsciente da filosofia e psicologia com a construção conceitual na psicanálise, já comentado em escritos anteriores.

Ao investigar mais as neuroses, percebeu com frequência, a presença de conflitos entre as pulsões sexuais dos indivíduos e suas resistências à sexualidade e assim foi levado aos primeiros dias da infância. As impressões do período inicial da vida, embora estivessem esquecidas, deixaram vestígios no crescimento do indivíduo e, em particular, fundamentaram a disposição para qualquer distúrbio nervoso que viesse a sobrevir. Ele passou a estudar a sexualidade infantil e concluiu que as cenas que antes pressupunha no campo da realidade eram fantasiadas, e que no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (Freud, 1925/1924).

Freud discute ainda o Complexo de Édipo, as zonas erógenas, e a libido como energia da pulsão sexual. Afirma que como resultado quer da excessiva força de certos componentes, quer de experiências que implicam uma satisfação prematura, fixações da libido podem ocorrer em vários pontos no curso de seu desenvolvimento e assim se subsequentemente verificar-se um recalque, a libido reflui a esses pontos (descreve o processo como regressão), sendo a partir deles que a energia irrompe sob a forma de sintoma. “Depois tornou-se claro que a localização do ponto de fixação é que determina a escolha da neurose, isto é, a forma pela qual a doença subsequente vem a surgir” (Freud, 1925/1924, p. 41).

Por meio da associação livre (que o paciente dissesse o que lhe viesse à cabeça, enquanto deixasse de dar qualquer orientação consciente ou crítica a seus pensamentos), Freud esperava chegar à consciência o material recalcado, que era retido por resistências, e conclui que a descoberta da resistência, constitui o primeiro passo no sentido de superá-la. “Assim, o trabalho de análise, implica uma arte de interpretação, cujo manuseio bem-sucedido pode exigir tato e prática, mas que não é difícil de adquirir” (Freud, 1925/1924, p. 46).

No *O ego e o Id* (1923, Volume XIX da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), Freud oferece uma descrição da mente e de seu funcionamento, aborda o recalque e resistência, afirmando que o ego procede o recalque e que a resistência emana dele, concluindo que há algo no ego que é inconsciente.

No capítulo I, Freud aborda a divisão do psíquico entre o que é consciente e o que é inconsciente. Relata que estar consciente é um termo descritivo, ou seja, que uma ideia está consciente por um determinado período de tempo, transitório, que o que é consciente agora, não é mais depois, mas que podem facilmente ser acessadas em outro momento. Pontua que existem ideias que uma certa força dificulta que se tornem conscientes. A esse estado em que as ideias existiam antes de se tornarem conscientes, ele nomeia de recalque, e a força que instituiu o recalque e a mantém é percebida como resistência no trabalho de análise.

Assim ele reestrutura o conceito de inconsciente, definindo dois tipos, um latente capaz de tornar-se consciente, e outro recalcado que só se torna consciente com um trabalho.

“Ao latente, que é inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, chamamos de pré-consciente; restringimos o termo inconsciente ao recalcado dinamicamente inconsciente, de maneira que agora temos três termos, consciente (Cs.), pré-consciente (Pcs.) e

inconsciente (Ics.), cujo sentido não é mais puramente descritivo. O Pcs. Acha-se provavelmente muito mais próximo do Cs. que o Ics. (...)” (Freud, 1923, p.29).

Então no sentido descritivo há dois tipos de inconsciente, mas no sentido dinâmico, apenas um. O autor define ego como algo que existe em cada indivíduo, uma organização coerente de processos mentais, que a consciência se acha ligada, dele provém os recalques, que mantém conteúdos afastados da mente consciente. Pontua o papel da análise nesse contexto:

“Na análise, essas tendências que foram deixadas de fora colocam-se em oposição ao ego, e a análise defronta-se com a tarefa de remover as resistências que o ego apresenta contra o preocupar-se com o recalcado. Ora, descobrimos durante a análise que, quando apresentamos certas tarefas ao paciente, ele entra em dificuldades; as associações falham quando deveriam estar-se aproximando do recalcado. Dizemos-lhe então que está dominado por uma resistência, mas ele se acha inteiramente inadvertido do fato e, mesmo que adivinhe, por seus sentimentos desprazerosos, que uma resistência encontra-se então em ação nele, não sabe o que é ou como descrevê-la” (Freud, 1923, p.31).

Neste momento, afirma Freud (1923), depara-se com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recalcado, produzindo poderosos efeitos sem ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente. Pontua que ficará obscuro se continuar a buscar explicar as neuroses derivando-as de um conflito ente o consciente e o inconsciente. Apresenta uma substituição a isso, a antítese entre o ego e o recalcado. Relata que parte do ego é, portanto, inconsciente, que não é latente como o pré-consciente.

No capítulo II de “O Ego e o Id”, ele aponta a consciência como a superfície do aparelho mental, primeira a ser atingido do mundo externo pelas percepções sensoriais e internas relacionadas as sensações e sentimentos.

Diferencia o ego do id, pontuando que este seria a parte do ego que é inconsciente, visto que ele não estaria nitidamente separado do id. O conteúdo recalcado se comunica com o ego através do id. “Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id, cabe a pulsão ” (Freud, 1923, p. 39). O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. Ele finaliza o capítulo afirmando que não é apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente, abrindo caminho para desenvolver o conceito de superego.

No capítulo III intitulado *O Ego e o Superego (Ideal do Ego)*, ele apresenta a gradação do ego em superego, pontuando sua origem nas identificações da infância, comenta ainda sobre a bissexualidade, o Complexo de Édipo e seu desfecho.

O superego é apresentado como o herdeiro do Complexo de Édipo, respondendo a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem, contém as proibições e injunções que na forma de consciência vai exercer a censura moral. E a tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos do ego é experimentada como sentimento de culpa, que é em grande parte inconsciente.

Já no capítulo IV ele pontua: “Sabemos que, via de regra, o ego efetua recalques a serviço e por ordem do superego[...]” (Freud, 1923, p.64), delimitando assim o recalque nesta segunda tópica do aparelho psíquico.

No mesmo volume do Ego e o Id, encontramos dois outros textos que serão comentados na sequência, o primeiro deles recebeu o título de *Neurose e Psicose* (1924 [1923], Volume

XIX da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), nele Freud descreve uma fórmula para definir a neurose e a psicose do seguinte modo: “... a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante entre o ego e o mundo externo” (Freud, 1924/1923, p.167).

“Nossas análises demonstram todas que as neuroses transferenciais se originam de recuar-se o ego a aceitar um poderoso impulso pulsional do id ou a ajudá-lo a encontrar um escoador ou motor, ou de o ego proibir àquele impulso o objeto a que visa” (Freud, 1924/1923, p.167). Nesta situação, o ego irá se defender contra o impulso pulsional com o mecanismo do recalque, mas a situação não é finalizada assim, o material recalcado lutará contra esse destino. Ele irá criar para si próprio, ao longo de caminhos sobre os quais o ego não tem poder, uma representação substitutiva, que se impõe ao ego mediante uma conciliação, a saber, o sintoma. “O ego descobre a sua unidade ameaçada e prejudicada por esse intruso e continua a lutar contra o sintoma, tal como desviou o impulso pulsional original” (Freud, 1924/1923, p.167). Isso irá produzir o quadro de uma neurose.

“Não é contradição que, empreendendo o recalque, no fundo o ego esteja seguindo as ordens do superego, ordens que, por sua vez, se originam de influências do mundo externo que encontraram representação no superego. Mantém-se o fato de que o ego tomou partido dessas forças, de que nele as exigências delas tem mais força que as exigências pulsionais do id, e que o ego é a força que põe recalque em movimento contra a parte do id interessada e fortifica o recalque por meio da anticatexia da resistência. O ego entrou em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose de transferência” (Freud, 1924/1923, p. 168).

Apresenta a psicose a partir do distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. Relata que a etiologia comum à neurose e à psicose está relacionada a uma frustração, e que o “efeito patogênico depende de o ego, numa tensão conflitual deste tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da realidade” (Freud, 1925/1924, p.169). Aborda brevemente o superego e a melancolia e conclui: “As neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre ego e o mundo externo” (Freud, 1924/1923, p.170).

As neuroses e psicoses se originam, portanto, de conflitos entre o ego e suas diversas instâncias governantes, refletindo um fracasso do ego em função de suas dificuldades em conciliar as várias exigências feitas a ele. O ego, media de algum modo, as exigências do Id, do superego e do mundo externo. “Em conclusão, resta a considerar a questão de saber qual pode ser o mecanismo análogo ao recalque, por cujo intermédio o ego se desliga do mundo externo (...) tal mecanismo deve, tal como o recalque, abranger uma retirada da catexia enviada pelo ego” (Freud, 1924/1923, p. 171).

No segundo texto do mesmo volume, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924, Volume XIX da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), Freud continua o debate do texto anterior, ampliando e ajustando a conceituação de neurose e psicose.

Pontua que a neurose é caracterizada como resultado de um fracasso do recalque. Na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, e na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento. A neurose não repudia a realidade, apenas a ignora, na psicose repudia-se a realidade e ainda tenta-se substituí-la.

Segundo Freud (1924), na neurose uma reação de ansiedade aparecerá sempre que o impulso recalçado faz um movimento para frente, e que o desfecho do conflito constitui apenas uma conciliação e não proporciona a satisfação completa. O impulso recalçado constantemente se impõe. Uma neurose se contenta em evitar o fragmento da realidade em apreço e proteger-se contra entrar em contato com ele, assim não faltam tentativas de substituir a realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo e isso vai ser possibilitado pela existência de um mundo de fantasia.

Com os artigos citados pode-se percorrer aspectos que envolveram a construção do conceito de recalque em Freud, parte-se na próxima seção para os pontos principais do artigo metapsicológico que contém o assunto de forma aprofundada.

ARTIGOS METAPSICOLÓGICOS – RECALQUE

No artigo *Recalque* (1915, Volume XIV da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), Freud inicia pontuando: “Uma das vicissitudes que uma pulsão pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-la inoperante. Em certas condições que logo investigaremos mais detidamente, a pulsão passa então para um estado de recalque (*verdrängung*)” (Freud, 1915, p. 151). Se o que estava em questão era o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado; para a pulsão, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio, segundo Freud.

“Em dado período ulterior, se verificará que a rejeição baseada no julgamento (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra um impulso pulsional. O recalque é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação; trata-se de um conceito que não poderia ter sido formulado antes da época dos estudos psicanalíticos” (Freud, 1915, p. 151).

As outras vicissitudes da pulsão foram abordadas no artigo *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), texto que antecede o Recalque. Freud afirma:

“Não é fácil deduzir em teoria a possibilidade de algo como o recalque. Por que deve um impulso pulsional sofrer uma vicissitude como essa? Condição necessária para que ela ocorra deve ser, sem dúvida, que a consecução, pela pulsão, de sua finalidade produza desprazer em vez de prazer. Contudo não podemos imaginar facilmente tal eventualidade. Não existem tais pulsões: a satisfação de uma pulsão é sempre agradável. Teríamos que supor a existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer” (Freud, 1915, p. 151).

Se a satisfação pulsional deve sempre ser algo prazeroso, por que se lhe deveriam opor resistências a ponto de torná-la inoperante? - questiona o autor. Porque o caminho em direção a satisfação pode produzir mais desprazer do que prazer. Em princípio a satisfação da pulsão é sempre prazerosa, mas pode ser inconciliável com exigências feitas a partir de uma das instâncias psíquicas. Assim, o que produz prazer num lugar pode produzir desprazer em outro lugar, o que estabelece a condição para o recalque, conclui Freud.

Para tentar esclarecer o conceito de recalque, ele passa a examinar outras situações, “Pode acontecer que um estímulo externo seja internalizado – corroendo e destruindo um órgão corpóreo -, de modo que surja uma nova fonte de excitação constante e de aumento de tensão.

Assim o estímulo adquire a similaridade de longo alcance com uma pulsão” (Freud, 1915, p. 151). Nomeia isso como dor e continua:

“A finalidade desse pseudo-instinto, consiste simplesmente na cessação da mudança no órgão e do desprazer que lhe é concomitante. Não há outro prazer direto a ser alcançado pela cessação da dor. Além disso a dor é imperativa; as únicas coisas diante das quais ela pode ceder são a eliminação por algum agente tóxico ou a influência da distração mental” (Freud, 1915, p. 151).

Ele discute sobre a dor nos textos Além do Princípio do Prazer e no Mal-Estar na Cultura. E completa que pensar as questões relacionadas a dor é muito obscuro e não vai ajudar ao propósito de entender o recalque, continuando de outro modo, usa como exemplo a fome, como um estímulo pulsional que ao permanecer insatisfeito se torna um imperativo e só pode ser aliviado pela ação que o satisfaz, mantendo uma constante tensão de necessidade. Pontua então que nesse caso, não é o recalque que está em questão (Freud, 1915, p.152). Podemos perceber que para a fome apenas um caminho pode ser usado para a satisfação aconteça, comer, ou seja, já há um destino conhecido, de todo modo é fácil pensar qual é a saída e o que fazer para resolver a situação. E conclui: “[...]o recalque não surge nos casos em que a tensão produzida pela falta de satisfação de um impulso pulsional é elevada a um grau insuportável. Os métodos de defesa acessíveis ao organismo contra essa situação devem ser examinados em outra conexão” (Freud, 1915, p.152). Explica a condição através da visão da relação prazer e desprazer:

“[...] Aprendemos então que a satisfação de uma pulsão que se acha sob recalque seria bastante possível e, além disso, que tal satisfação seria invariavelmente agradável em si mesma, embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções. Ela causaria prazer num lugar e desprazer em outro. Em consequência disso, torna-se condição para o recalque que a força motora do desprazer adquira mais vigor do que o prazer obtido na satisfação” (Freud, 1915, p.152).

Percebe-se, demarca o autor, que é uma condição para o recalque que o desprazer seja maior do que o prazer da satisfação. E, ele pontua que não quer dizer que o recalque vai impedir a satisfação da pulsão. Os sistemas psíquicos operam no sentido de manter o melhor nível de equilíbrio possível entre as exigências pulsionais e as exigências decorrentes da cultura. Portanto o recalque está a serviço da satisfação e não contra ela, conforme Freud afirma:

“... o recalque não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; que ele só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; e que a essência do recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-o a distância. Esse conceito de recalque ficaria mais completo se supuséssemos que, antes de a organização mental alcançar essa fase, a tarefa de rechaçar o impulsos pulsionais cabia às outras vicissitudes, às quais as pulsões podem estar sujeitas – por exemplo, a reversão no oposto ou o retorno em direção ao próprio eu do sujeito” (Freud, 1915, p. 152).

As pessoas não nascem com o aparelho psíquico pronto e acabado, ele forma-se aos poucos. Para embasar essa discussão Freud vai delimitar a princípio dois tipos de recalque, ou duas fases. Para que o recalque aconteça há necessidade de uma organização mental e antes disso quem rechaçava as pulsões eram as demais vicissitudes estudadas. Para que haja recalque é preciso a distinção entre o sistema pré-consciente/consciente e o sistema inconsciente. Mas é o recalque que funda os sistemas, ou seja, que faz a clivagem da subjetividade. Diante deste paradoxo Freud faz a distinção entre os dois momentos do recalque. (Roza, 1985)

Freud delimita o recalque primevo, originário ou primário (Freud, 1915, p. 153) como uma primeira fase de recalque, que será condição necessária a todo recalque, pontua que esta fase consiste em negar a entrada no consciente ao representante psíquico ou ideacional da pulsão e com isso estabelece-se uma fixação, a partir de então o representante psíquico continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Este momento é anterior a constituição do inconsciente como sistema psíquico, visto que o funda e passa a servir de referência para o recalque propriamente dito, exercendo atração para que ele ocorra. O recalque originário corresponde a um momento anterior à constituição do sistema inconsciente, pode-se falar antes disso em processos inconscientes, de forma adjetiva.

Para responder a questão econômica, comenta Garcia-Roza (2008), Freud lança mão do conceito de conrainvestimento, a energia de investimento necessária para que se dê o recalque originário não pode ser proveniente nem do sistema inconsciente e nem um desinvestimento do pré-consciente/consciente porque ainda não foram formados antes do recalque originário. Também não poderia ser do supereu, pois não existia a teorização sobre ele, e então o conrainvestimento é o único mecanismo do recalque originário na leitura freudiana neste período. O conrainvestimento é o mecanismo pelo qual o sistema pré-consciente/consciente se protege contra o assédio da representação inconsciente (Garcia-Roza, 2008, p.186).

O recalque propriamente dito, ou recalque secundário, é uma segunda fase do recalque, que irá afetar os derivados mentais do representante recalcado, ou ainda irá afetar as sucessões de pensamentos que podem ter se originado em outra parte, e tenham entrado em ligação associativa com ele, por causa dessa associação, essas ideias sofrem o mesmo destino. O recalque propriamente dito será assim definido como uma pressão posterior. Segundo Freud, a tendência no sentido do recalque falharia em seu propósito, caso as duas forças, de repulsão e atração não cooperassem, caso não existisse algo previamente recalcado para receber aquilo que é repellido pelo consciente (Freud, 1915, p. 153).

De acordo com Freud, o recalque não impede que o representante pulsional continue a existir, ao contrário ele se organizará, dará origem a derivados e estabelecerá outras ligações. “O recalque só interfere na relação do representante pulsional com o único sistema psíquico, a saber, o do consciente” (Freud, 1915, p. 154).

Comenta que, para se pensar os efeitos do recalque nas neuroses deve-se levar em consideração que o representante pulsional irá se desenvolver com menos interferência, mais profusamente, ele pontua, pois ele foi retirado da influência consciente, então ele proliferará no escuro e assim assumirá formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas ao neurótico irão lhe parecer estranhas e assustá-lo, mostrando-lhe o quadro da extraordinária e perigosa força da pulsão. Essa força, segundo ele, resulta de um desenvolvimento desinibido da fantasia e do represamento ocasionado pela satisfação frustrada, livre do controle consciente, e do julgamento moral. Estando livre das exigências do sistema pré-consciente/consciente a representação tem maior liberdade para estabelecer novas conexões, novos nexos, dando lugar a derivados.

O recalque não retira do consciente todos os derivados daquilo que foi segundo Freud (1915), primevamente recalcado. O que acontece é que se esses derivados se tornarem suficientemente afastados do representante recalcado em função das distorções, eles estarão livres para acesso ao consciente. “Tudo se passa como se a resistência do consciente contra eles

constituísse uma função da distância existente entre eles e aquilo que foi originalmente recalçado” (Freud, 1915, p. 154).

Ao usar a técnica da psicanálise, a associação livre, exige-se que o paciente produza derivados do recalçado, que em consequência de sua distância no tempo ou de sua distorção, possam passar pela censura do consciente. De acordo com Freud (1915), essas associações nada mais são do que derivados remotos e distorcidos do recalçado.

Freud apresenta as características do recalque afirmando que ele é individual em seu funcionamento, cada derivado pode ter um destino particular, é extremamente móbil e não é um fato que acontece uma vez produzindo resultados permanentes “... como por exemplo mata-se um ser vivo, a partir de então ele está morto; o recalque exige um dispêndio persistente de força, e se essa viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque” (Freud, 1915, p.156).

O recalçado exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, de forma que essa pressão pode ser equilibrada por uma contrapressão incessante. Para manter um recalque é necessário um dispêndio de força constante (Freud, 1915, p.156).

E o que acontece com o impulso da pulsão recalçada? Este impulso pode ocorrer em estados amplamente diferentes, sem prejuízo para o recalque. Pode ser inativo (apenas levemente catexizado com energia mental), ou ser ativo (catexizado em graus variáveis). O fato de ser ativado não o torna consciente, mas coloca em movimento os processos que terminam por penetrar na consciência por caminhos indiretos. Com pouca energia geralmente permanece não recalçado.

Até esse ponto Freud aborda o recalque de um impulso pulsional entendendo este como uma ideia catexizada com uma quota de energia psíquica (libido) proveniente da pulsão. Mas além da ideia, outro elemento da pulsão deve ser levado em consideração e esse outro elemento passa por vicissitudes de recalque que podem ser bem diferentes das experimentadas pelas ideias.

Esse outro elemento, delimitado por Freud é a quota de afeto. A quota de afeto é, portanto, o outro elemento do representante psíquico da pulsão, que corresponde a pulsão na medida em que este se afasta da ideia e encontra expressão proporcional a sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos.

Para se pensar o recalque, deve-se analisar o que acontece à ideia (representante ideativo) e o que acontece com a energia pulsional ligada a ela. A ideia passa por uma vicissitude geral que consiste em desaparecer do consciente, caso seja previamente consciente ou em ser afastada da consciência, caso estivesse prestes a se tornar consciente. Freud (1915) exemplifica como ordenar um hóspede indesejável que saia da sala de visitas, ou impedir após reconhecê-lo que não cruze a soleira da porta.

Quanto ao afeto, existem três vicissitudes possíveis, ou a pulsão é inteiramente suprimida de forma que não se encontra nenhum vestígio, ou aparece como um afeto, ou será transformado em ansiedade. O afeto não é recalçável, mas não é indiferente à ação do recalçamento.

O motivo do recalque é a fuga do desprazer, com essa afirmação pode-se concluir que a vicissitude da quota de afeto é mais importante do que a vicissitude da ideia, isso deve ser levado em consideração para a avaliação do processo do recalque, segundo o autor.

“Se um recalque não consegue impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que ele falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito no tocante a parcela ideacional” (Freud, 1915, p. 158). O interesse de Freud é direcionado aos que falharam, pois, os bens sucedidos escaparão ao exame.

Sobre o mecanismo do processo de recalque, afirma que só nos é acessível se deduzirmos esse mecanismo a partir do resultado do recalque. Sobre a parcela ideacional, pontua que, via de regra, o recalque cria uma formação substitutiva, ele deixa sintomas em seu

rastró. O mecanismo do recalque não coincide com o mecanismo ou os mecanismos da formação de substitutos. Os sintomas, diz Freud, podem ser considerados como derivados do recalcado, que surgem também nos sonhos e nos atos falhos, chamados de retorno do recalcado.

O retorno do recalcado se faz sob a forma de um compromisso entre dois sistemas, de modo que o recalcado encontre expressão consciente, mas ao mesmo tempo não produza desprazer. Ele se faz de forma deformada e distorcida e não como um retorno do mesmo, idêntico, na sua forma original.

Sobre a relação do recalque e as psiconeuroses, Freud aborda a histeria de ansiedade, a histeria de conversão e a neurose obsessiva. Quanto a histeria de ansiedade, ele relata uma situação de fobia de animal, apontando que neste caso a pulsão sujeita ao recalque é atitude libidinal para com o pai, aliada ao medo dele. Após o recalque, a pulsão desaparece da consciência, o pai não aparece mais na consciência como objeto de libido e substituindo o pai encontra-se no lugar um animal que será o objeto de ansiedade. “A formação de substituto para a parcela ideacional ocorreu por deslocamento ao longo de uma cadeia de conexões[...]. A parcela quantitativa não desapareceu, mas foi transformada em ansiedade” (Freud, 1915, p.159). Sendo assim, o resultado foi o medo do animal ao invés da exigência de amor direcionada aos pais. Neste caso o recalque é radicalmente destituído de êxito, pois apenas remove e substitui a ideia, falhando em poupar o desprazer, o trabalho da neurose não cessa, acontece uma segunda fase, uma tentativa de fuga, a formação da fobia propriamente dita, e de um grande número de evitações destinadas a impedir a liberação de ansiedade.

Na histeria de conversão Freud (1915) afirma que é possível perceber o desaparecimento total da quota de afeto, o paciente exibe, em relação aos seus sintomas uma certa indiferença característica das histéricas. O conteúdo ideacional é retirado da consciência, como um substituto do conteúdo ideacional e ao mesmo tempo como um sintoma aparece uma inervação superforte (excitação, inibição, às vezes sensorial, às vezes motora). A área superinervada é parte do próprio representante pulsional recalcado, que num processo de condensação, essa parte atrai toda a catexia para si própria. A conversão só é possível pela intensa formação de substitutos, então é destituída de êxito. Quanto à cota de afeto (verdadeira tarefa do recalque), tem êxito total. O recalque, neste caso, quanto à ideia é sem êxito, quanto à cota de afeto, tem êxito total. Na histeria de conversão o processo do recalque é completado pelo sintoma, e não precisa então continuar até uma segunda fase, ou interminavelmente.

Já na neurose obsessiva, a princípio, Freud pontua uma dúvida, se o representante pulsional sujeito ao recalque é uma tendência libidinal ou uma tendência hostil. A pulsão hostil contra alguém amado está sujeita ao recalque e a princípio há êxito no recalque, pois o conteúdo ideacional é rejeitado e o afeto desaparece, mas como formação substitutiva surge no ego uma alteração sob forma de maior consciência não podendo dar a isso o nome de sintoma; aqui substituto e sintoma não coincidem.

O recalque promoveu o afastamento da libido, e fez uso da formação reativa intensificando um oposto, para atingir seu propósito, mas o recalcado consegue retornar, a ambivalência que permitiu que o recalque acontecesse pela formação reativa constitui também o ponto em que o recalcado consegue retornar. A emoção desaparecida retorna, em sua forma transformada, como ansiedade social, ansiedade moral e autocensura ilimitadas; a ideia rejeitada é substituída por um substituto por deslocamento, frequentemente um deslocamento para algo muito pequeno ou indiferente. Uma tendência no sentido de um restabelecimento completo da ideia recalcada acha-se em geral, inegavelmente presente.

O fracasso no recalque do fator quantitativo afetivo põe em jogo o mesmo mecanismo de fuga, por meio de evitações e proibições, tal como visto na formação de fobias histéricas; a rejeição da ideia oriunda do consciente é mantida, deste modo, o trabalho do recalque se prolonga numa luta estéril e interminável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com o presente texto fazer um percurso sobre os artigos de Freud que abordam o tema do recalque. Deste modo percorreu-se o artigo metapsicológico, e outras publicações anteriores e posteriores a esta escrita. Além disso, usou-se como comentadores Roza e Hans.

Pode-se perceber que, o recalque só pode advir enquanto teoria, na medida em que Freud deixa de utilizar a hipnose como método de trabalho se deparando com o fenômeno da resistência.

O termo foi ganhando mais consistência na medida em que Freud constrói a primeira tópica do aparelho psíquico, delimitando a instância responsável pelo recalque como o sistema pré-consciente e quando por ocasião da segunda tópica do aparato psíquico o recalque passa a ser operado pelo ego sob ordem do superego.

A teoria do recalque considerada por Freud a pedra angular da psicanálise marca ainda a contribuição da diferenciação entre a neurose, psicose e perversão, sendo o recalque o mecanismo psíquico da neurose que tem o sintoma como exemplo da modalidade de retorno do recalçado, como formação de compromisso. E, que a partir dele, pode-se pensar ainda as diferenças internas ao campo da própria neurose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. **Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar** (1893). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **As Neuropsicoses de Defesa** (1894). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa** (1896). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **A Interpretação dos Sonhos** (1900). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. V. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **Cinco Lições de Psicanálise** (1910[1909]). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **A História do Movimento Psicanalítico** (1914). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **Recalque** (1915). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **O Ego e o Id** (1923). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **Neurose e Psicose** (1924[1923]). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose** (1924). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____. **Um Estudo Autobiográfico** (1925[1924]). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

Garcia-Roza, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

Hanns, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. (1996). Rio de Janeiro: Imago.